

CURRÍCULO E PRÁTICA NA ESCOLA CICLADA: ANALISANDO EXPERIÊNCIAS NA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO.

Alunos: Jacqueline Teixeira de Assis e Cristine Oliveira Rosa

Orientador: Maria Inês G. F. Marcondes de Souza

Introdução

Esse relatório se refere às atividades realizadas de agosto /08 a agosto/09 de acordo com o cronograma apresentado no projeto. Durante esse período nos concentramos na análise de vídeos apresentados aos professores como parte das orientações da política de ciclos nas escolas da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Os vídeos podem ser entendidos como “textos da reforma” e utilizam um determinado tipo de “vocabulário da reforma” dos anos 90. Têm como objetivo orientar e instruir aos professores e gestores sobre os princípios básicos para implementação da reforma no contexto da prática.

No município do Rio de Janeiro foi implantado em 2000 o Primeiro Ciclo de Formação para atendimento de alunos/as de 6, 7 e 8 anos. Este sistema é apresentado como uma “nova organização curricular, uma outra forma de estruturação do tempo escolar” e não como um somatório de séries (CA, 1ª. e 2ª. série), assim o planejamento das atividades pedagógicas deve ter por base esta outra organização temporal (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2005) [1]. Nos propomos a estudar a implementação da proposta curricular da escola ciclada na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, tendo os trabalhos de Stephen Ball como referência e ver como os professores recontextualizam e reinterpretam no seu cotidiano esta reforma. Daremos atenção ao contexto da prática, analisando o trabalho pedagógico de professores da rede em especial o atendimento à heterogeneidade dos alunos. O texto apresentado se refere a análise de vídeos como texto da política.

Objetivos

O objetivo desse pôster é analisar os vídeos que fazem parte do programa *Nós da escola n 214- série Ciclo de Formação (MultiRio)*[2] que foram apresentados aos professores em 2006. O tema do programa é “*O que é o ciclo de formação e como as escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro estão vivenciando a forma de organização do tempo e espaço no ciclo de formação.*” Algumas questões básicas orientam nossa análise: Quais os argumentos usados para a implantação de uma nova política? Quais as bases teóricas da nova política? Como as novas orientações se articulam com as orientações já existentes? Quais as tensões que se evidenciam na apresentação da nova política e as práticas dos professores?

Metodologia

O referencial teórico se baseia em Ball (1997)[3] e seu esquema para análise de políticas. A pesquisa se concentra no *contexto da produção do discurso* e no *contexto da prática*. Uma tarefa importante para a análise das políticas públicas é apontar o significado das políticas enquanto textos, operando nos diferentes contextos em que são usados. Na prática, as políticas dependem dos acordos e acomodações provenientes dos diferentes contextos. O ponto chave em relação ao contexto da prática é que as políticas não são simplesmente recebidas e implementadas, mas são interpretadas e recriadas. Os praticantes do campo educacional não são leitores ingênuos dos textos de políticas educacionais. Eles têm suas histórias, experiências, valores, e objetivos próprios. Isso significa que os autores de textos de políticas públicas não conseguem controlar os significados de seus textos. Partes delas serão rejeitadas, ignoradas, deliberadamente incompreendidas.

Para análise dos vídeos utilizamos como base Fairclough (2001) [4]. Sua análise inclui os seguintes aspectos: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, força dos enunciados,

coerência e intertextualidade.

Conclusões Parciais

Os vídeos centram-se nos conceitos de ‘justiça social’, ‘escola democrática’, ‘gestão democrática’, ‘tempo biológico’, ‘espaço e tempo’, ‘aprendizado’ e ‘trabalho coletivo’. Por que os vídeos foram usados como material de informação para gestores e professores? Qual a força das imagens que são veiculadas pelos vídeos? Seriam os vídeos mais aceitáveis que a leitura de materiais impressos pelos gestores e professores. Seriam os vídeos capazes de maior sensibilização por parte dos professores?

Os vídeos têm a seguinte estrutura: uma fala inicial da Secretária Municipal de Educação, uma conversa estilo “entrevista” em que a entrevistada é uma pesquisadora e professora universitária e a entrevistadora/apresentadora do programa. A conversa entre elas é intercalada com cenas de escolas em que se apresentam gestores e professores fazendo perguntas ou explicando seu trabalho. Analisamos as falas de cada uma dessas partes do vídeo focalizando basicamente o vocabulário, a gramática, a coesão, a estrutura textual, os enunciados, a coerência e a intertextualidade, segundo a proposta de Fairclough (2001). Nesse pôster vamos focalizar basicamente os *argumentos* apresentados para a implantação da proposta.

O argumento para implantação da proposta de ciclos é o conceito de *justiça social* que é apresentado logo no início pela Secretária Municipal de Educação: “*Uma escola democrática, mas, com justiça social. A rede pública trabalha com a diversidade dos alunos, ela não seleciona na entrada.*” Essa questão é reforçada pela pesquisadora em defesa de uma escola para o século XXI: “*Por ter o ciclo o eixo da justiça social, do desenvolvimento, do direito do professor ao desenvolvimento cultural, atende bastante a demanda e ao desafio que se tem para superar.*” (Vídeo n. 214). Defende-se uma escola “*de qualidade*” e sua importância no mundo “*globalizado*”. A questão do aprendizado do aluno vai ser trabalhada a partir da “*neurociência*” e da “*antropologia*” que são colocadas como as bases teóricas da proposta.

A entrevistadora exerce o papel de mediadora, fazendo perguntas e pedindo que a pesquisadora “*explique os benefícios concretos da proposta*” para melhor compreensão por parte dos professores.

Como conclusões dessa etapa da pesquisa, ressaltamos a importância do vídeo como parte da política. A análise do vídeo revela elementos subjacentes, tais como: a ambigüidade do discurso oficial (problema de coesão e coerência), a intenção persuasiva de tentar convencer aos professores dos benefícios da proposta e uma preocupação com os mal entendidos dos próprios professores na sua implementação.

Referencias

1 – PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO - **A Multieducação na sala de aula: refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação.** Rio de Janeiro, 2005.

2- MULTIRio- Programa Nós da escola n 214- série Ciclo de Formação “O que é o ciclo de formação e como as escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro estão vivenciando a forma de organização do tempo e espaço no ciclo de formação”. Rio de Janeiro, 2006.

3 - BALL, Stephan. J.- **Education reform: a critical and post-structural approach.** Buckingham/ Philadelphia: Open University Press, 1997.

4- FAIRCLOUGH, N.- **Discurso e Mudança Social.** Brasília; Editora da UNB, 2001.